

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

VARIA EPIGRAPHICA.

ALMEIDA, Justino Mendes de; FERREIRA, Fernando Bandeira

Ano: 1965 | Número: 75

Como citar este documento:

ALMEIDA, Justino Mendes de; FERREIRA, Fernando Bandeira, Varia epigraphica.
Revista de Guimarães, 75 Jan.-Dez. 1965, p. 82-109.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Varia epigraphica

(Nova série)

Por JUSTINO MENDES DE ALMEIDA

e

FERNANDO BANDEIRA FERREIRA.

I. INSCRIÇÃO LUSITANO-ROMANA DE LISBOA.

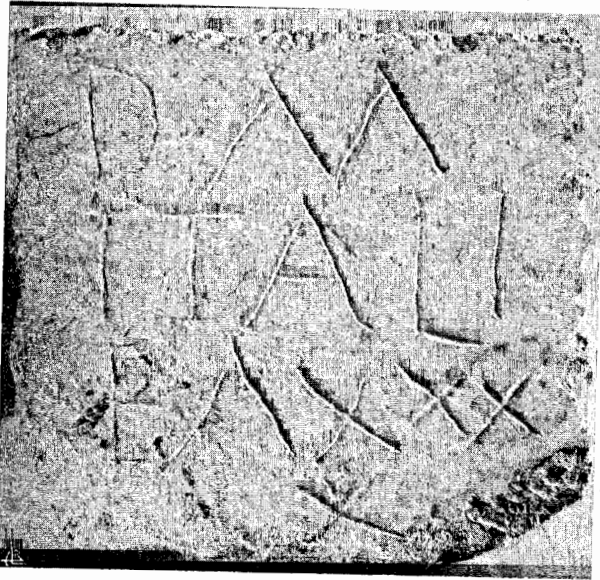
1. Temos em nosso poder, desde fins de 1961, uma placa de mármore, de reduzidas dimensões, com inscrição funerária exarada em latim. Foi-nos oferecida por pessoa que declarou tê-la encontrado em Lisboa. Se é exacta a informação, será também provável que o monumento em causa provenha da Praça da Figueira, onde as obras de construção da estação do metropolitano tinham levado, já então, ao descobrimento de importantes vestígios da época lusitano-romana, e, assim, a lápide teria pertencido a uma sepultura do cemitério aí existente e que veio a ser escavado sistematicamente, em 1962, por um de nós.

No entanto, tendo em conta o ritmo da construção em Lisboa, não se nos afigura impossível que o epitáfio, que vamos estudar, haja sido desenterrado noutro ponto da cidade, em quaisquer trabalhos de fundações.

2. Dadas as circunstâncias de a peça nos ter sido entregue sem qualquer outro material e de nos não terem facultado indicações precisas sobre o local de exumação — o que não permitiu o exame do mesmo —, passemos imediatamente ao problema da sua autenticidade.

A placa em que se exarou o texto não contém, ao que pensamos, qualquer indício suspeito: foi adelgada na face, que ficaria anepígrafa, por golpes rudes

que originaram uma superfície extremamente irregular, de múltiplas protuberâncias e recôncavos de dimensões exíguas. Ora, aspecto similar apresentam os reversos de inúmeras lápides funerárias da época romana. Além disto, nas arestas notam-se vestígios de uma acção mecânica, bastante sensível, que umas vezes as boleou, outras as destruiu. Finalmente, na face anterior — aquela



Escala aproximada de 1: 2,6.

que contém o texto — há vestígios de acção química que corroeu e deu leve coloração a uns 25% da sua área.

Mas a genuinidade da placa não determinaria a veracidade da inscrição, como é óbvio. São sobejamente conhecidos aqueles casos em que falsificadores hábeis se aproveitaram de materiais da época a que pretendiam atribuir as suas falsificações. Julgamos que o monumento em epígrafe não esteja nestas condições. É evidente que a circunstância de o tipo de letra da inscrição ter sido realmente usado nos textos lapidares da época romana imperial nada provaria também, pois um fal-

sário cuidadoso poderia recorrer a qualquer tratado de epigrafia romana de conhecimento geral. Outro tanto se diria da desinência da forma *Italie* que, apesar de não clássica, em todo livro de fonética latina se encontra registada.

Cremos, todavia, que também o texto é autêntico, porque a erosão, a que acima nos referimos, actuou nitidamente em duas letras da 2.^a linha da inscrição, em três da terceira e na única da quarta.

Em conclusão: apesar de não nos ter sido possível observar o local em que teria sido exumada a lápide, parece-nos que existe elevada probabilidade de a mesma ser autêntica.

3. Conforme se pode ver pela fotografia, a tábula de mármore em que se exara a inscrição mede 0,210 m de comprimento por 0,190 m de altura. Quanto à espessura, a mesma varia entre 0,020 m e 0,026 m aproximadamente. O texto distribui-se por 4 linhas e deve estar completo.

1.^a linha: nela se lê a fórmula corrente de consagração *DM*, em que se nota a ausência de pontos. As letras têm uma altura de 40 e 45 mm. O *M* é típico da letra capital rústica: as suas hastes inclinadas para a esquerda ultrapassam bastante as inclinadas para a direita.

2.^a linha: inclui a maior parte do vocábulo *ITALIE*. Letras cuja altura varia entre 38 e 50 mm. No aspecto paleográfico, esta linha tem certo interesse, porque, enquanto o *L* e o segundo *I* são francamente rústicos, o primeiro *I*, o *T* e o *A* aproximam-se mais da capital quadrada; dir-se-ia que o lapicida pretendeu fazer caracteres deste tipo, mas que, por incapacidade técnica, o não conseguiu. Repare-se no *A*, cuja primeira haste oblíqua e cuja barra horizontal o aproximam do tipo quadrado e cuja segunda haste oblíqua é de aspecto nitidamente rústico.

3.^a linha: nela se lê a desinência do vocábulo que preencheu a linha anterior, seguida de grande parte da indicação da idade da morta. As letras têm aqui alturas extremamente variadas: enquanto o *E* e o *A* atingem os 41 e os 44 mm, os dois últimos *XX* não vão além dos 22 e 26 mm. Também aqui há que assinalar o apa-

recimento de uma letra que muito se aproxima da capital quadrada, o *E*, ao lado de quatro caracteres de tipo rústico ou mesmo cursivo. Não deixa de ser curioso registar as notáveis diferenças entre o *A* da linha anterior e o desta linha.

4.^a linha: contém somente uma letra de 21 mm de altura, com a qual se completa o numeral da idade.

Em resumo: no que respeita ao aspecto paleográfico, a presente inscrição contém predominantemente caracteres rústicos, por vezes quase cursivos, como dissemos, acompanhados de alguns que se aproximam dos tipos capitais quadrados.

4. A leitura será, portanto:

«D(iis) M(anibus) / Itali/e a(nnorum) XXX/X».

Pela sua simplicidade e pela circunstância de estar, com grande probabilidade, completo, o texto poucos comentários sugere. Assinalaremos somente a vulgar substituição da desinência *-æ* por *-e* e a forma aditiva do numeral, também muito frequente na época romana.

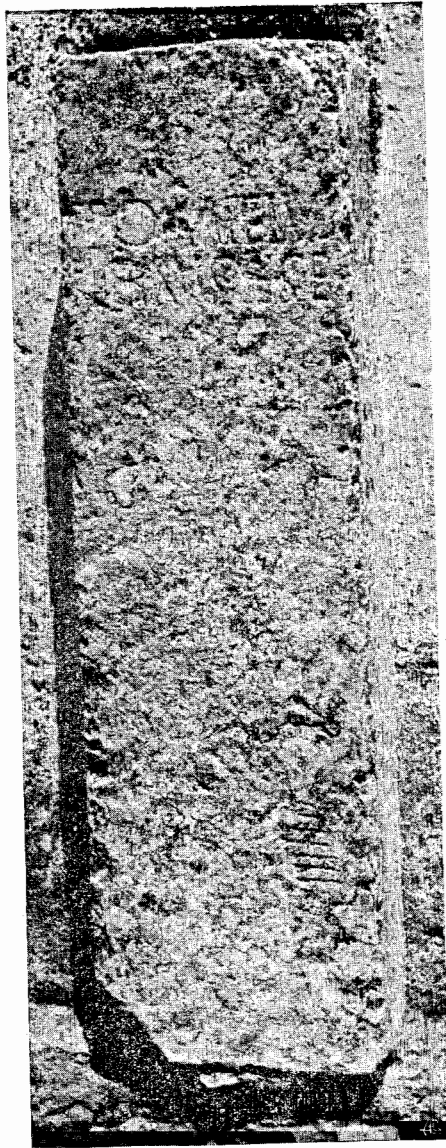
No que se refere ao conteúdo do texto, o epitáfio apenas se revela interessante porque diz respeito a uma mulher, provavelmente escrava, de nome *Italia*. Ora sucede que este nome é muito pouco frequente na Hispânia. Com efeito, que saibamos, apenas duas inscrições o registam: a n.º 1197 do *CIL*, II, referente a uma tal *Aelia Italia*, de *Hispalis*, e a n.º 4576 da mesma obra, em que se menciona uma *Iulia Italia*; este segundo texto provém de *Barcino*.

A condição social de *Italia* da inscrição de Lisboa poderá explicar, quanto a nós, a modesta categoria profissional do quadratário.

Diremos, por fim, que localizamos a inscrição na segunda metade do séc. I da nossa era.

II. A INSCRIÇÃO 5224 DO *CIL*

Aplicado à fachada lateral direita da igreja matriz de Cheleiros, nos arredores de Mafra, encontra-se um cipo paralelepípedo de 1,38 m de altura, que tem numa



Escala aproximada de 1:10.

das faces, próximo do topo, uma inscrição latina extremamente lacónica.

O seu interesse é tão reduzido que, não fora o facto de ter sido publicada com lição errada no *Supplementum* do *CIL*, II, sob o n.º 5224, não mereceria o estudo, embora rápido, que lhe vamos consagrar.

A inscrição, quando a estudámos *in loco*, encontrava-se em estado bastante mau, verificando-se a destruição parcial de alguns caracteres. A deterioração é já antiga e explica-nos a razão por que Estácio da Veiga, que supomos ter sido o primeiro a publicá-la, haja feito uma leitura que se nos afigura em parte deficiente. Com efeito, julgou ele que a primeira linha conteria o *gentile Fronteius*, ainda que, com aquele escrúpulo que individualiza os seus magistrais trabalhos, tenha proposto a referida leitura sob reserva, como vemos:

«Pedi d'estas inscrições algumas provas tiradas em papel molhado e batido á escova, e com effeito foi o reverendo prior actual, o sr. Luiz Martins Marinho da Cruz, quem se encarregou d'este trabalho, mandando-me quatro estampas, uma da lagem e tres do cippo; e sendo estas cuidadosamente confrontadas, parece-me denunciarem o seguinte epitaphio:

FRONT-EIVS
FLORVS H. S. E

É muito reduzida esta fórmula, e não das mais vulgares, mas em algumas obras de epigraphia romana acha-se exemplificada...» (1)

Hübner, que também neste caso não estudou manifestamente o original, sob o número acima indicado apresenta a lição de Estácio da Veiga, mas, estranhando o *gentile* que citámos, acrescenta: «Latet fortasse *P. Fronteius* | *Florus h.s.e.*»

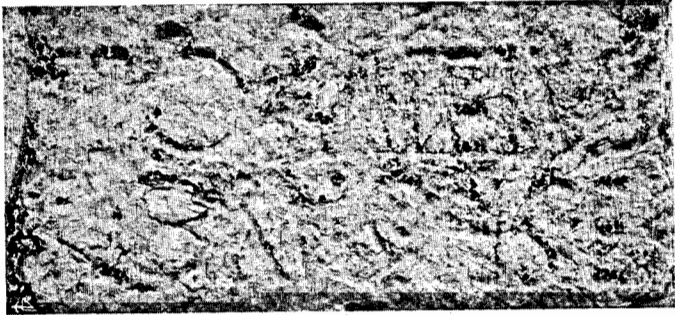
O exame cuidadoso a que procedemos, na companhia do Dr. A. J. Mendes de Almeida, permite-nos

(1) Cf. *Antiquidades de Mafra...*, Lisboa, 1879, p. 80.

apresentar lição diversa, que nos atrevemos a considerar definitiva, excepto no que ao *prænomen* se refere:

[T.] POMPEIVS
FLORVS.H.S.E.

1.^a linha: letras capitais quadradas, nem sempre clássicas, de 0,058 m de altura. Uma pancada que atingiu o cipo à esquerda destruiu parte da primeira letra que era a sigla do prenome. Do que resta julgamos poder concluir que se trate de um *T*, abreviatura cor-



Escala aproximada do 1:4,5.

rente de *Titus*. Entre esta letra e o *gentilicium*, parece ter havido um ponto de separação. Do vocábulo *Pompeius*, o *M* está muito deteriorado. Foi esta circunstância, juntamente com a deterioração da sigla do prenome, que deve ter levado Estácio da Veiga a propor a leitura que transcrevemos. De salientar, ainda, as cabeças, extremamente pequenas, dos *PP*. Considerando agora o aspecto estritamente paleográfico, diremos que, na linha em estudo, apenas o *O*, o *M*, o *I* e o *V* apresentam formas de boa época.

2.^a linha: letras levemente maiores que as da primeira linha, oscilando entre 0,059 e 0,061 m, excluindo o *H* e o *E* que, como os caracteres da primeira linha, não vão além de 0,058.

Entre o cognome e o *H*, e entre o *S* e o *E*, existe um ponto. Julgamos ter notado um terceiro entre o

H e o *S*. Em relação a esta linha, a nossa leitura iguala a de Estácio da Veiga. No que se refere à paleografia, cremos de salientar a forma, francamente actuária, do *L*.

*

Uma pequena nota respeitante ao conteúdo do texto: o *nomen Pompeius* ocorre com certa frequência na região olisiponense a que a presente inscrição pertence (1).

Quanto à data, consideradas as formas já pouco regulares e elegantes de certo número de caracteres, julgamos que a inscrição em estudo tenha sido exarada no séc. II d. C.

III. INSCRIÇÃO PALEOCRISTÃ DE CHELEIROS

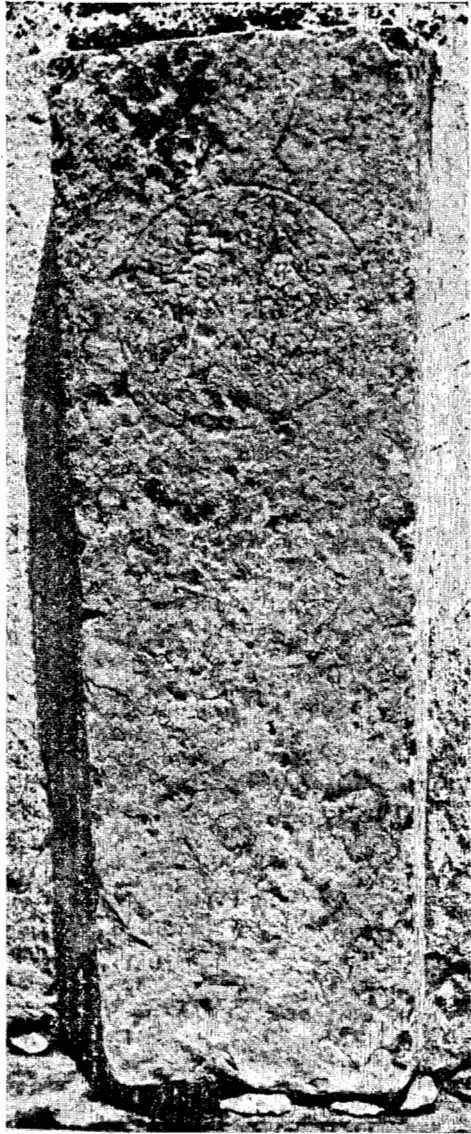
1. Quando da nossa já referida visita à aldeia de Cheleiros, encontrámos, a par do epitáfio de *Pompeius Florus*, uma interessantíssima inscrição, iguzlmente exarada num grande paralelepípedo de mármore.

Procedemos logo a um estudo tão cuidadoso quanto possível do seu conteúdo. De regresso a Lisboa, fizemos uma pesquisa bibliográfica que nos levou a suspeitar do ineditismo da inscrição. Com efeito, ela não figura nas *Inscriptiones Hispaniæ Christianæ*, de Hübner (2), na *Epigrafia Cristã em Portugal*, do Padre Miguel de Oliveira, nem tão-pouco nas *Inscripciones Cristianas de la España Romana y Visigoda*, de José Vives.

O facto não é, supomos, prova de deficiência de pesquisa por parte dos autores citados: cremos que a inscrição só em data recente teria sido colocada no local em que a encontrámos. Quando, antes de Dezembro de 1914, o cuidadosíssimo Félix Alves Pereira (v. *O Arch.*

(1) Cf. *CIL*, II, n.ºs 241, 242, 243 e 244.

(2) Até o momento, não nos foi, contudo, possível consultar o *Inscriptionum Hispaniæ Christianarum supplementum* (Berlim, 1900), também de Hübner.



Escala aproximada de 1: 9,5.

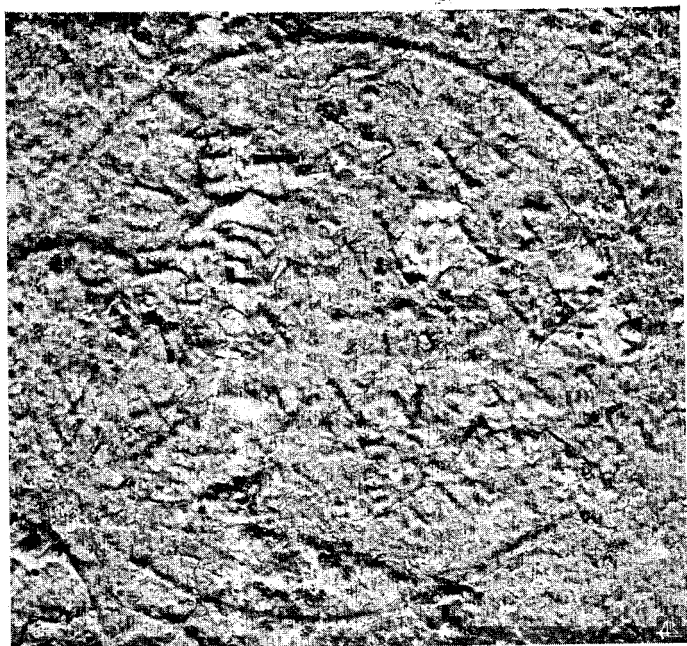
Port., XIX, p. 355) examinou a igreja de Cheleiros, não a viu; de outro modo, tê-la-ia por certo registado no seu estudo *Por Caminhos da Ericeira (Notas Arqueológicas e Etnográficas)*, publicado no citado volume de *O Archeologo Português*. Pelo contrário, numa fotografia que representa o portal da igreja em referência e que figura no n.º 48 do *Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, fotografia que julgamos não muito anterior a 1947, já figura o monumento, então colocado junto do mesmo portal. O seu transporte para a fachada lateral direita deve ter sido efectuado quando a mesma Direcção-Geral procedeu ao restauro da igreja, visto que, na estampa n.º 8 do referido *Boletim*, já aparece na situação actual.

Como hipótese, podemos aventurar que o monumento, se não provém do local onde está a igreja, deve ter sido encontrado nas suas proximidades, pois não nos parece provável que tenha sido trazido de zona muito afastada.

2. O paralelepípedo que contém o texto mede 1,330 m de altura, 0,450 m de largura e 0,165 m de espessura. O texto está exarado num espaço grosseiramente delimitado por uma moldura constituída por um simples sulco gravado na pedra. Se este fora contínuo — ele interrompe-se à direita da última linha da inscrição que encerra —, nós poderíamos classificar a moldura de elipsoidal, com um eixo focal de 0,320 m e a perpendicular respectiva de 0,300 m. Acrescentaremos que o referido eixo focal tem uma posição horizontal e que a moldura em causa se situa numa das faces maiores do monólito, a cerca de 30 cm do cimo. Na mesma face, puxada para a esquerda do observador, a 30 cm abaixo da moldura, há uma pequena cruz que poderemos classificar de grega (de braços iguais).

O texto compõe-se de 6 linhas que, no seu conjunto, enchem quase totalmente a área limitada pela moldura. Passemos à sua análise, linha a linha.

1.^a linha: não obstante a deterioração da pedra, pode ler-se, embora com bastante dificuldade, o nome LETORIVS que se apresenta composto de letras de tamanho irregular e desalinhas. Assim, o R atinge uma



Escala aproximada de 1:3,8.

altura de 0,033 m, o *V* 0,026 m e o *O* — quase sumido, aliás — apenas 0,019 m. A registrar, no aspecto paleográfico, a obliquidade da barra do *L*.

2.^a *linha*: também aqui a pedra se encontra carcomida, do que resultou, por um lado, a obliteração de alguns caracteres e, por outro, o simulacro de letras. Julgamos que nesta linha estejam exarados os vocábulos *ET EPIFANIVS*, embora antes da conjunção pareça existir um *C*. Os caracteres também não têm dimensões iguais — o *V* mede 0,026 m, o *T* apenas 0,019, etc. — e também não estão rigorosamente alinhados: por exemplo, na palavra *ET*, a barra central do *E* encontra-se à altura do travessão do *T*. De assinalar ainda a inclinação para a direita do grupo *NI* e para a esquerda do *V*.

3.^a *linha*: na inscrição, de leitura sempre tão difícil, esta linha foi uma das que maiores dificuldades nos apresentaram. Parece-nos de propor a lição seguinte:

REQVIT IN PACE

Contudo, na forma *REQVIT* — se dela se trata — apenas são inteiramente legíveis os caracteres *VIT* e falta completamente o *C* da palavra que supomos ser *PACE*. Verificam-se aqui também o desalinhamento dos caracteres e a variedade de dimensões dos mesmos: o *P* atinge os 0,030 m, enquanto os *II* não vão além dos 0,021.

4.^a *linha*: após um exame aturado da mesma, julgamos mais provável a lição seguinte:

VIXIT VNVS ANNOS

De salientar, antes de mais, a colocação do *S* de *ANNOS* por cima do *O* e, seguidamente, os já costumados desalinhamentos e irregularidades das letras. Nas dimensões das mesmas, a variação já assinalada nas outras linhas: o *V* de *VIXIT* mede 0,024 m, o primeiro *I* do mesmo vocábulo 0,026 m, o *O* 0,014.

5.^a *linha*: nesta, a deterioração da pedra é tão acentuada que destruiu uma boa parte dos caracteres que um dia a compuseram. Parece principiar por um numeral,

VIII, a que se seguem um *E* e um *T* e, após uma zona de praticamente completa destruição, as letras *TER*. Depois deste *R*, há restos de mais caracteres — talvez uns seis —, mas deles nenhuma leitura nos atrevemos a propor. Com alguma segurança, apenas podemos admitir que, nesta linha, foi exarada a indicação seguinte:

VIII ET ALTER

Se o *A* e o *L* não estão visíveis, também alguns riscos que se vêem antes do *T* não impossibilitam esta hipótese.

Igualmente se observam na linha que estamos a estudar o desalinhamento e a irregularidade das letras: o *V* mede 0,016 m, o *R* 0,026, etc.

6.^a linha: dela só são visíveis caracteres no lado direito, ou porque os da esquerda foram totalmente destruídos ou, o que não é de todo impossível, porque esta linha principiava a meio das linhas antecedentes. Julgamos ler nela *E ERA* a que se segue uma letra meio destruída que poderá ser um *D* parauncial, um *L*, os restos de um ou dois caracteres, que seriam talvez *X*, e um *V* bastante nítido.

Teríamos, então, com certa probabilidade:

E ERA DLXXV

Julgamos escusado afirmar que as letras são de tamanho variado e quase nunca estão alinhadas. O segundo *E* mede 0,016 m, o *A* 0,021 e o *V* apenas 0,013.

3. Eis a leitura que, com todas as reservas, propomos para o epitáfio em estudo:

LETORIVS
 ET EPIFANIVS
 REQVIT IN PACE
 VIXIT VNVS ANNOS
 VIII ET ALTER ...
 E ERA DLXXV

Esta lição, se bem que possa conter deficiências e lute, num ou noutro ponto, com dificuldades que a seu

tempo indicaremos, tem, quanto a nós, a seu favor a circunstância de respeitar, dum modo geral, a estrutura das inscrições paleocristãs da Lusitânia, pertencentes ao 2.º período (450-650) da 2.ª época da classificação de Vives (1). Dissemos de um modo geral, porque a nossa lição contém a expressão *requit in pace* antes da indicação das idades, quando, normalmente, é o contrário que se verifica nessas inscrições (2).

Passemos agora à análise do texto.

Parece-nos indubitável a presença de um epitáfio respeitante a dois indivíduos, embora na terceira linha e na quarta apareçam duas formas verbais que se lhes referem, ambas no singular. O caso, aliás, se bem que raro, não é desconhecido, porque, se esta é a primeira inscrição encontrada na Lusitânia respeitante a dois indivíduos, a presença de bissomos no nosso território já foi assinalada numa época muito próxima daquela a que atribuímos o epitáfio em estudo (3). O facto de as citadas formas se encontrarem no singular, referidas a um sujeito múltiplo ou plural, não pode causar estranheza, uma vez que é de todas as épocas da língua latina a concordância do verbo predicado com um sujeito múltiplo segundo uma das duas formas: ou o verbo concorda com o sujeito em geral e vai, assim, para o plural, ou concorda com o elemento mais próximo que, se for singular, determina uma forma verbal também singular. Porém, num caso semelhante, Leite de Vasconcelos atribui à «imperícia do canteiro, que tinha na mente a formula mais usual», o uso do singular (cf. *O Arch. Port.*, IV, p. 305).

Tratemos agora dos três vocábulos que apresentam no texto formas anómalas:

Letorius: julgamos tratar-se ou de uma variante fonética de LITORIVS, nome que se documenta na época por uma inscrição de Talavera de la Reina, datada de 510 (4) ou, mais provavelmente, de LÆTORIVS,

(1) Cf. *op. cit.*, p. 96.

(2) Cf., p. e., Hübner, *I. H. C.*, n.º 13 (Aramenha) ou mesmo n.º 11 (Évora), entre outras.

(3) Com efeito, no chamado «cemitério da Caldeira», na Tróia de Setúbal, foi encontrado há poucos anos um túmulo com dois esqueletos, atribuível ou ao último período do domínio romano ou aos primórdios da época hispano-bárbara.

(4) J. Vives, *op. cit.*, n.º 50, p. 24; Hübner, *op. cit.*, n.º 44.

vulgar *gentile* romano em que se deu a tão corrente monotonização do *a*.

Epifanius: embora a boa ortografia deste vocábulo seja com *ph*, não são raros os casos em que a palavra e outras similares, como *Diophanes*, *Stephanus*, *Epiphoretus*, *Elephantus*, *Callimorphus*, *Polystephanus*, *Sophia*, etc., aparecem grafados com *f*. Para o verificar, basta percorrer os volumes II, III, VIII, com os seus suplementos, etc., do *CIL* ⁽¹⁾.

Requit: se bem que se trate de forma braquigráfica não corrente de *requievit*, também não é inédita. Com efeito, encontramos-la, sem travessão superior indicador de abreviatura, numa inscrição do Monte da Azinheira (cf. Hübner, *op. cit.*, n.º 12), de 593, talvez numa de Mérida (cf. Hübner, *id.*, n.º 32), de 594, numa da Silveirona (cf. Vives, *op. cit.*, n.º 497), de 517, e, com o aludido travessão, nas inscrições de Mérida e Mértola (cf. Vives, *id.*, n.ºs 25, 488 e 493), respectivamente de 514, 510 e 566.

Considerando, agora, o aspecto paleográfico global do epitáfio, diremos que, pelos caracteres, a inscrição de Cheleiros se aproxima bastante do epitáfio de Évora (Hübner, *op. cit.*, n.º 11). Assim, o L tem em ambos o traço inferior oblíquo em vez de horizontal; os VV, os SS, os NN e os PP são também bastante semelhantes, e o texto de Évora ostenta como o que estudámos os QQ e os OO muito mais pequenos que os demais caracteres. Igualmente o monumento de Cheleiros recorda o de Évora pela irregularidade das linhas e das letras que, de um modo geral, diminuem de tamanho para o fim do texto.

4. As semelhanças que acabamos de salientar entre os textos de Évora e Cheleiros levam-nos a considerar muito plausível a leitura que propusemos para a data desta inscrição: ERA DLXXV ou DLXV, muito próxima da de DLXXXII do epitáfio de Évora.

⁽¹⁾ Excelente documento do que afirmámos, a inscrição n.º 6180 (*Gerunda*) do *CIL*, II.

IV. O EPITÁFIO DO OLISIPONENSE JÚLIO RUFINO

1. No jardim de Vila Franca de Xira encontra-se um monólito de calcário, que contém uma inscrição referente a um indivíduo de nome *Iulius Rufinus*. Segundo informação de um dos guardas desse jardim, o monumento teria sido trazido da Póvoa de Santa Iria e colocado, juntamente com outros, no local em que está, para «enfeitar o jardim». Não sabemos se esta explicação é verdadeira: o facto é que o jardim tem vários monumentos de pedra, entre os quais se salientam uma lápide funerària portuguesa, de belos caracteres góticos, algumas cabeceiras de sepultura discoidais, pedras de armas, etc.

2. O monólito teve primitivamente uma forma geral paralelepípedica. Numerosas e fortes pancadas destruíram, todavia, uma boa parte, em especial toda a ilharga esquerda (para quem olha para a face que tem a inscrição), a base e ainda a zona inferior da ilharga direita.

As suas dimensões máximas actuais são 0,835 m de altura, 0,550 de largura e 0,510 de espessura, mas destas só a última deve ser a original. Pelo que falta da faixa esquerda da inscrição, cremos poder concluir que a largura primitiva seria de c. 0,620 m. Quanto à altura inicial, não encontramos maneira de a restituir.

Na ilharga direita — também de quem olha para a inscrição — há um grande entalhe rectangular que nasce na face superior do monólito e tem as dimensões de 0,400 m de altura por 0,155 de largura e 0,075 de fundo. Na ilharga esquerda pode ter existido entalhe semelhante e simétrico, mas a citada destruição da mesma tê-lo-ia eliminado.

As pancadas que referimos afectaram ainda o texto, mas felizmente não de modo a impossibilitar a sua reconstrução, salvo no que respeita ao prenome do defunto.

3. Passemos à análise da inscrição:

1.^a linha: letras de 0,066 m de altura. Contém a fórmula D M, mas do D resta apenas a barriga.

2.^a linha: caracteres de 0,044/45 m. Lê-se nela: IVLIO RVFINO. Desapareceu totalmente a sigla do prenome, que fora com certeza gravada, e talvez um



triângulo de distinção, que se lhe seguiria. No final da linha, parte do O foi eliminada.

3.^a linha: letras de 0,044/47 de altura. Nela se deve ter exarado GAL.OLISIP. (1). Porém, o G (ou o C) foi destruído bem como a parte superior do A. As duas abreviaturas são seguidas cada uma por um triângulo.

(1) Ou CAL. OLISIP.

4.^a linha: caracteres de 0,047. Lê-se aí: NNOR\N.M. XVIII, faltando, pois, o A com que a linha principiava. Entre o substantivo e o numeral, novo triângulo. A registar ainda o nexu VM que é vulgar.

5.^a linha: letras de 0,047 m. Conteve um dia IVLIA. P.FILIA. O I desapareceu e o V foi quase totalmente obliterado, restando dele só uma parte da haste direita; além disso, o F mal se adivinha. Antes e depois do P, *triangula distinguentia*.

6.^a linha: letras também de 0,047. Nela se exarou certamente MARCELLIANA, mas o M perdeu-se.

7.^a linha: caracteres de 0,047. Aí estiveram os vocábulos SOROR. FRATRI, dos quais só o segundo está completo, pois o S e metade do primeiro O de SOROR foram destruídos. Entre os dois vocábulos, um triângulo.

8.^a linha: letras de 0,045/48. Nela o quadratário gravou certamente PIISSIMO POSVIT. Hoje faltam o P e o primeiro I de PIISSIMO e o T com que a linha terminava.

9.^a linha: caracteres de 0,048 e 0,050 m. Contém, quase intacta, a fórmula H.S. Depois de cada sigla um triângulo.

Eis a inscrição na sua totalidade, com a restituição que propomos (v. também fig. A):

	D		M	
[?]	I	V	L	I
[G]	A	L	▼	O
[A]	N	N	▼	X
[I]	V	L	▼	F
[M]	A	R	▼	S
[S]	O	R	▼	T
[P]	I	S	▼	I
	H	▼	S	▼

No aspecto paleográfico, pouco há a assinalar: todos os caracteres são do tipo quadrado mas já evolucionado, o que nos leva a propor, com certa reserva, para a inscrição o séc. II d. C.

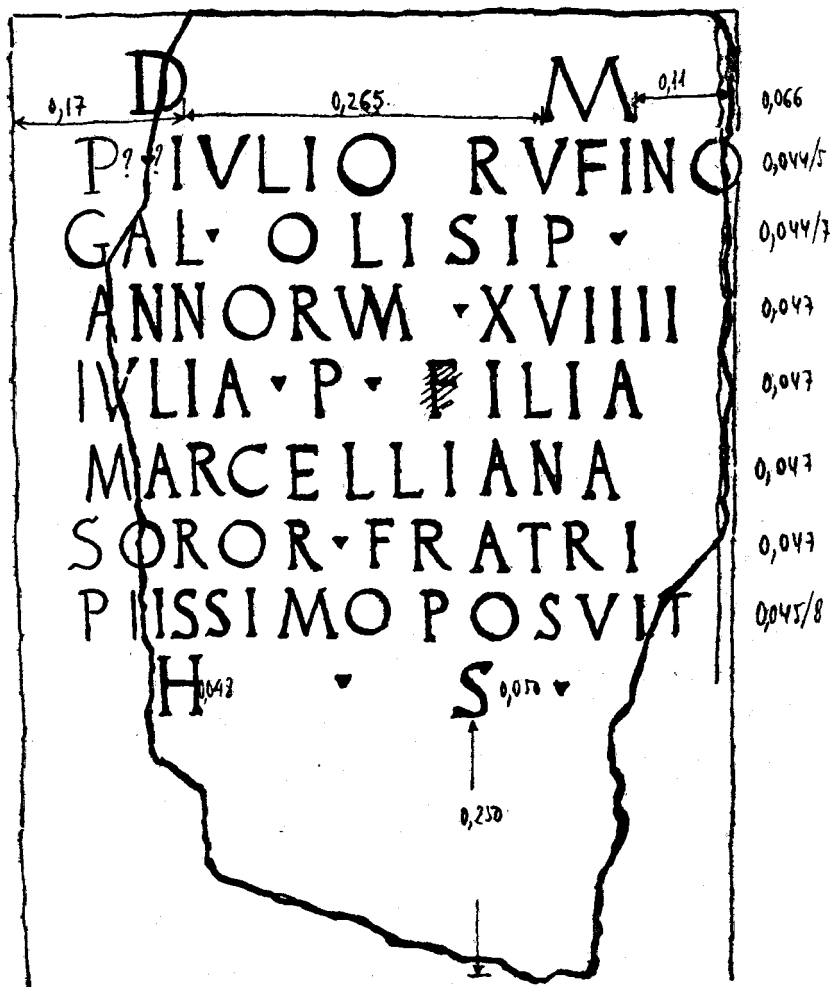


Fig. A

4. Quanto ao conteúdo, o texto talvez proveniente da Póvoa de Santa Iria poucas novidades apresenta: os nomes *Iulius* (e *Iulia*) e *Rufinus* já estão abonados por inscrições não só da Lusitânia como da própria região de Olisipo (1). Apenas o cognome *Marcelliana* se regista pela primeira vez nesta região e cremos que em toda a Lusitânia.

Julgamos também inédita, pelo menos na Península, a abreviatura OLISIP. O vocábulo tem aparecido mas por extenso (2) ou abreviado de modo diferente (3).

V. EPITÁFIO DE GAIO ÚRSIO CLEMENTE

1. No decurso das escavações que a Junta Nacional da Educação promoveu, em 1962, dirigidas por um de nós, no subsolo da Praça da Figueira, em Lisboa, foram descobertas quatro inscrições de que nos vamos ocupar.

A primeira foi achada no compartimento B/A, em 21 de Março do mesmo ano, pelo estudante da Faculdade de Letras de Lisboa, Eduardo Serpa, que participava dessas escavações. A lápide estava num meio de terra argilosa e colocada horizontalmente com as letras para baixo, o que significa que não se encontrava já na sua posição primitiva, tendo desaparecido a sepultura a que se referira, muito provavelmente destruída pelas obras do metropolitano antes da intervenção dessa Junta (4).

2. O texto epigráfico que vamos estudar está exarado numa tábula de mármore de 0,430 m de altura

(1) Sobre *Rufinus*, v. *CIL*, II, n.º 225. Cremos desnecessário citar as inscrições com *Iulius* e *Iulia*, porque são muito numerosas e conhecidas.

(2) *CIL*, II, n.º 959, e *suppl.* n.º 5240.

(3) *CIL*, II, n.ºs 327 e 328; Vieira da Silva, *Epigrafia de Olisipo*. Lisboa, 1944, n.º 144-D. E ainda Scarlat Lambrino, *Le nom Aefus et la cité d'Avobriga en Lusitanie* (1960), pp. 5, 11 e 13.

(4) Acerca das circunstâncias, em pormenor, do seu descobrimento e da sua posição rigorosa, v. o *Relatório* das referidas escavações, ff. 243-244, do vol. II.

por 0,360 de largura, recortada em forma de escudo invertido, o que nos leva a crer que deva ter sido aplicada ao topo de uma campa arciforme (do tipo «baú», segundo a designação de Leite de Vasconcelos, *Religiões*, III, p. 401), semelhante, pela sua configuração, a muitas outras da região de Lisboa. Simplesmente, no caso presente, a campa em vez de ser monolítica, como as de



Escala aproximada de 1: 5,8.

Colaride, p. e., deve ter sido, por economia, constituída por uma parte feita de *lateres* e argamassa, coberta de reboco, a cujo topo se aplicou a tábula.

3. O texto ocupa a metade superior da pedra e desdobra-se por três linhas, sendo a primeira composta de caracteres com uma altura média de 0,036 m e a segunda e a terceira por letras com 0,035 m de altura (também em média).

Dada a facilidade de leitura, parece-nos inútil a análise linha a linha. Eis, pois, o texto em estudo:

C. VRSIVS P F
CAL CLEMENS
ANN XXI.H.S.E.

No aspecto paleográfico, a inscrição é uma curiosa mistura de capitais quadradas e capitais actuárias, com predomínio destas, sendo de mencionar, em especial, a notável elegância do E da última linha. Sinais separativos triangulares, finamente gravados, encontram-se, na primeira linha, após a sigla do prenome e, na terceira, depois do numeral da idade e a seguir a cada uma das letras da fórmula H.S.E. De assinalar ainda o nexu, aliás corrente, dos NN na terceira linha.

4. Passando à crítica interna, diremos que nenhum dos elementos do nome é raro na Hispânia, tendo até sido já encontradas na própria área olisiponense uma lápide relativa a um *P. Vrsius Priscus Pius* e outra a um indivíduo de cognome *Clemens* (1).

De registar ainda a forma CAL por GAL no indicativo da tribo.

5. Pela letra e pelo meio arqueológico em que a presente inscrição se integra, cremos poder datá-la da segunda metade do séc. I d. C.

VI. INSCRIÇÃO DE GAIO TERÊNCIO SATURNINO

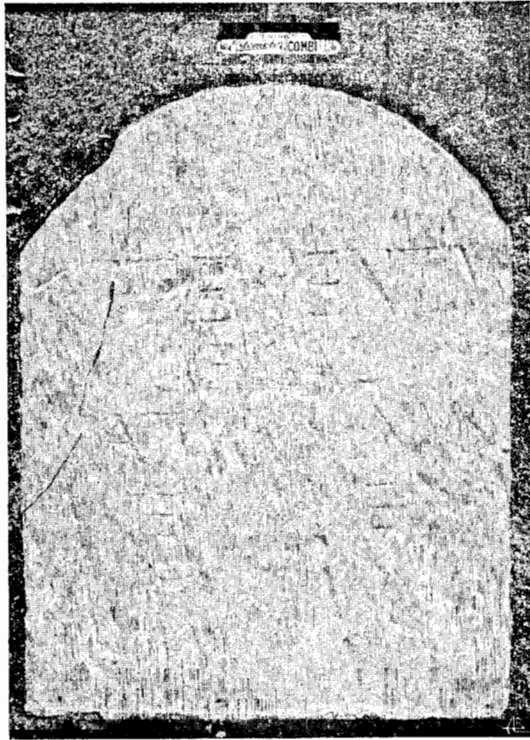
1. Também no já referido compartimento B/A e igualmente num meio de terra argilosa, foi encontrada, no dia 22 de Março de 1962, a tábula de mármore de que nos vamos agora ocupar (2).

Estava também colocada horizontalmente, mas com as letras para cima, e da campá em que devia ter estado aplicada não restavam quaisquer vestígios.

(1) Cf. *CIL*, II, 223 e 256.

(2) Cf. *Relatório* citado, ff. 249-252 do vol. II.

2. O recorte da tábula, bastante semelhante ao da inscrição anteriormente estudada, leva-nos a admitir hipótese igual à que aventurámos a propósito da mesma: a placa constituiria o topo de uma campa arciforme, provavelmente feita de *lateres*, argamassa e reboco. As suas dimensões são 0,445 m de altura, por 0,335 de largura.



Escala aproximada 1: 5,2.

3. O texto encontra-se na zona central da placa e compreende quatro linhas, cujos caracteres têm dimensões algo diferentes: os seus valores médios são de 0,044 m para os da primeira linha; 0,030 para os da segunda; 0,035 para os da terceira, e 0,030 para os da quarta.

Também aqui cremos desnecessário o estudo linha a linha, pelo que se segue o texto completo:

G. TERENTIVS
G. F. GAL
SATVRNINVS
H.S.E

As letras utilizadas são capitais quadradas, verificando-se, todavia, numa ou noutra, a presença do ápice dos caracteres actuários: sirvam de exemplo o A da terceira linha e os NN. Como elementos separativos, o lapicida utilizou aspas simples ou dobradas, encontrando-se as primeiras nas duas linhas iniciais e as segundas na última linha. De assinalar ainda as dimensões anómalas do S de *Terentius*, com apenas 0,029 m de altura, que parecem não ter outros significado que um erro de cálculo do lapicida que chegou ao fim do vocábulo sem já dispor de espaço.

4. O que no n.º V destes *Varia* afirmámos acerca dos elementos *Vrsius* e *Clemens*, poderemos repeti-lo em relação a *Terentius* e *Saturninus*: não são raros na Hispânia, estando até documentados por inscrições da zona de Olisipo esse *nomen* (1) e, provávelmente, o *cognomen* referido (2).

De mencionar também a sigla G por C.

5. Consideramos este epitáfio contemporâneo do de *C. Vrsius Clemens*.

VII. A INSCRIÇÃO DE PASSÉRIA RÓMULA

1. Trata-se também de uma tábula de mármore branco encontrada no subsolo da Praça da Figueira, em Lisboa, quando das obras de construção da estação do

(1) Cf. *CIL*, II, 275, 319 e 320, e *suppl.* 5227.

(2) Com efeito, a inscrição n.º 259 do *CIL*, II, refere-se a um *Q. Iulius Satur...*, sendo este vocábulo incompleto dificilmente outro que não *Saturninus*.

metropolitano. Porém, o seu descobrimento verificou-se no curto período que decorreu entre a retirada dos funcionários da Câmara Municipal de Lisboa, que acompanhavam essas obras, e o início das escavações sistemáticas promovidas pela Junta Nacional da Educação. A tábula foi achada pelos operários do metropolitano, que a levaram ao Eng.^o António de Sampaio que posteriormente a entregou a um de nós, com a indicação bastante precisa das condições em que estava.



Escala aproximada de 1:5.

O monumento encontrava-se à cota de 0,90 m abaixo da aresta das abóbadas de betão — já nessa altura quase concluídas —, no enfiamento dos pilares, que viriam a ser designados por 5-3 e 6-3, e a uns 0,30 m dum ponto por onde pouco depois passaria a face frontal da bancada C, portanto muito próximo do pilar 5-3 e da sepultura $\Sigma 1$ que, dias depois, seria descoberta por um de nós ⁽¹⁾. A tábula não pode, porém, pertencer-lhe, porquanto era grande a diferença de idades entre o indivíduo que

(1) Acerca de todas estas indicações, v. o relatório das mencionadas escavações.

a sepultura continha e a morta a que a inscrição que vamos estudar se refere.

A lápide foi entregue ao Eng.º Sampaio já partida em quatro fragmentos, como se observa na fotografia. A frescura das fracturas obriga-nos a admitir que os responsáveis tenham sido os operários que a exumaram.

2. A tábula tem um comprimento de 0,333 m, uma altura de 0,307 e uma espessura de 0,027. A face anepigrafa é muito irregular, perfeitamente comparável ao reverso da placa que contém a inscrição de *Italia*, já estudada sob o n.º I. Deve também ter estado aposta a uma campa — mas talvez não arciforme — que desapareceu completamente.

O texto exarado desdobra-se por cinco linhas, tendo os caracteres alturas que oscilam, na primeira linha, entre 0,027 e 0,033 m, na segunda, entre 0,027 e 0,037, na terceira, entre 0,029 e 0,034, na quarta, entre 0,025 e 0,026, e na última entre 0,025 e 0,028.

A leitura não oferece dificuldade, apesar das fracturas:

H A V E
P A S S E R I A ◀ L ▶ F
R O M V L A ▶ A N
I I I I
H S E

Os caracteres são capitais actuárias e a sua configuração é um dos motivos que nos levam a atribuir a inscrição ao séc. III d. C.

Ela é assim um dos monumentos que fizeram que um de nós afirmasse, em entrevista concedida à imprensa, que o cemitério lusitano-romano da Praça da Figueira se teria prolongado pelo menos até aquele século.

3. No aspecto interno, a inscrição de Passéria Rómula tem muito interesse: logo na primeira linha, deparamos com a saudação *have* que aparece com alguma frequência em textos epigráficos hispano-romanos ⁽¹⁾, a par da forma *ave*.

(1) Cf. *CIL*, II, 1092, 1871, 3178, 3490, 3686, 4290 (?), 4419, 4445 (= 6074 *suppl.*); II *suppl.*, 6260¹², 6318. Sobre a associação «have et vale», v. *CIL*, II, 3490, 3686 e *suppl.* 6318.

Have é imperativo de *haveo* transformado em fórmula de saudação, comparável ao gr. *χαίτε* — também usado em inscrições gregas e até bilingues ⁽¹⁾ —, e registada igualmente em textos literários. O infinitivo do verbo será, portanto, *havere*, usado, por exemplo, em Marcial, I, 108, 10.

Do seu emprego, a um tempo literário e ligado ao formulário epigráfico sepulcral, dá testemunho o famoso carne n.º 101 de Catulo de Verona, última saudação do poeta ao túmulo do irmão, morto na Tróade:

«Accipe fraterno multum manantia fletu,
10 Atque in perpetuum, frater, ave atque vale.»

A dupla grafia *have/ave* encontra-se suficientemente documentada nas inscrições não só da Hispânia como dissemos, mas de todo o orbe romano. Note-se, a propósito, que o gramático Quintiliano considerava *have* a verdadeira grafia e pronúncia (I, 6), sendo esta, portanto, uma das palavras que, como *bolus*, *haruspex*, *heredes*, *hostia*, etc., perderam a aspiração. É que, segundo os gramáticos latinos, o *h* não era propriamente uma letra, mas uma *nota aspirationis*, a qual, se foi respeitada em Roma (o gramático Nigídio, *ap.* Gélio, XIII, 6, 3, observa: «rusticus fit sermo si adspires perperam»), o não seria, pelo menos no mesmo grau, nas províncias. Quintiliano refere ainda o uso moderado que dela faziam os antigos (I, 5, 20): «Parcissime ea veteres usi in vocabulis, cum ædos ircosque dicebant.»

Assim, e dada a existência de formas quase homófonas como *abeo/habeo* e *aveo/haveo*, não é para estranhar que se tivesse verificado tal dualidade de pronúncias e, conseqüentemente, de grafias, com preferência para a grafia e pronúncia *ave*, à medida que se afastava o século II a. C., o período de apogeu da influência helénica nas letras latinas e em que as aspiradas invadiram até vocábulos puramente latinos, como *pulcher*, *sepulchrum*, *Gracchus*, etc.

(1) É bom exemplo um texto de *Avennio* (*CIL*, XII, 1038), que diz: «OYAAOC · ΓA...INIIOC / XAIPE / VAALVS · GABIN (ius) / HEIC · SITVS · EST.»

Diremos ainda que se nos não afigura destituída de fundamento a hipótese de o nome da morta se encontrar não em nominativo, mas em vocativo, como sucede, de modo inconfundível, em inscrições dedicadas a indivíduos de um ou mais nomes de tema em *o* (1). Não é, contudo, impossível que *Passeria* e *Romula* sejam formas nominativas.

Ocorre ainda referir que no epitáfio de *Plotia Saturnina*, de Tarragona (2), o dativo *Præsidi* que se segue a *have* parece não ter qualquer dependência deste, contrariamente ao que Batlle Huguet pensou, quando leu o referido texto deste modo: «Have Præsidi! /d.m./Plotiæ Saturninae...». Nós interpretamos este texto como simples exemplo de uso simultâneo de uma forma de saudação e de duas de consagração: a primeira a uma *præses — mortis*, certamente (3) — e a segunda aos deuses manes.

O *nomen Passeria* é, segundo cremos, inédito na Lusitânia. Aliás ele parece ter sido sempre pouco usado em todo o mundo romano. Temos notícia de alguns *Passerii* em *Vasio* e *Vienna*, na Gália Narbonense (4), de uma *Passeria, Q. filia*, também de *Vienna* (5), e ainda de uma personagem de certa importância, cujo nome é — por simples coincidência — precisamente o da menina sepultada nos arredores de Olisipo: *L. Passerius Romulus* (ΔΟΥΚΙΟΚ ΠΑΣΣΕΠΙΟΚ ΡΟΜΥΛΟΚ) que desempenhou funções públicas na região de Mileto (Jónia) (6).

(1) Por exemplo: *CIL*, II, 3178 («Have Procle»); VI, 2335 («Have Victor Fabiane»); XII, 3349 («Have Navi...»); etc.

(2) Cf. Beltrán, *Memoria* n.º 88, p. 38, cit. por Batlle Huguet, *Epigrafiá Latina*. Barcelona, 1946, p. 219 (insc. n.º 101). Vem a propósito referir que este texto epigráfico apresenta, também no aspecto paleográfico, grande semelhança com o que vimos estudando.

(3) Cf. «Præses belli», in Virgílio, *Eneida*, XI, 483.

(4) Cf. *CIL*, XII, 1370 (*Q. Passerius Tertius, Q. Passerius Fortunatus* e *Q. Passerius Valentinus*), 1872 e 2566 (ambas referentes a um *C. Passerius Afer*).

(5) Cf. *CIL*, XII, 1873.

(6) Cf. *CIL*, III, 7150, e Pauly-Wissowa, *Real-Encycl.*, vol. 63 (Estugarda, 1949), *s.u. Passerius*.